

## **A MANUTENÇÃO DO CAMPESINATO TRADICIONAL NO MUNICÍPIO DE ITAPETININGA/SP POR MEIO DA OLERICULTURA E DO TRABALHO ACESSÓRIO**

Juliano Ricciardi Floriano Silva<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho visa relacionar o campesinato tradicional paulista e as transformações nos bairros rurais espalhados pelo município de Itapetininga e que se encontra em uma área de antiga ocupação do estado. Entre as mudanças, está a sua recriação por meio da produção que é direcionada para o mercado de hortifrutigranjeiros e para o setor agroindustrial. Foram visitadas 12 propriedades em quatro diferentes bairros e detectou-se que o trabalho acessório externo ao bairro atingiu mais de dois terços das unidades camponesas visitadas e que esse trabalho ocorre na área urbana do município e nas agroindústrias.

**Palavras-chave:** camponês, bairro rural e trabalho acessório.

### **Introdução**

O município de Itapetininga, está em uma área de antiga ocupação datada do século XVIII, relacionada a rota dos tropeiros que transportavam muares do atual Rio Grande do Sul até o mercado de Sorocaba/SP. Nessa rota instalaram-se camponeses que se agruparam povoamentos que originaram os “bairros rurais”.

Esses bairros em virtude da distância com a sede do município desenvolveram uma sociabilidade entre seus moradores, no qual a ajuda mútua era uma das principais formas de organização dos camponeses com sua produção. Entretanto, com o avanço do capitalismo e da presença de terras disponíveis para a exploração da renda fundiária, nas últimas décadas houve a incorporação dessas terras para o agronegócio e os camponeses para se recriarem, passaram a fornecer sua produção para o mercado. Todavia, outras estratégias foram identificadas como trabalho de campo, como o trabalho acessório. Após as reflexões teóricas sobre o campesinato e a constituição dos bairros rurais, essa pesquisa passará a analisar o que foi constatado em campo.

### **O camponês paulista**

---

<sup>1</sup> Doutorando Universidade Estadual de Londrina – UEL-PR

Para compreender a concepção do camponês brasileiro, em específico o do interior paulista, Willems (1947), define como caboclo, representante de uma cultura formada pela maioria da população tradicional do interior do estado de São Paulo.

Candido (1987), salienta que o termo caboclo remete a um apego étnico, pois refere-se ao mestiço entre o indígena e o branco, optando pela terminologia de caipira, influenciado pela definição de Pires apud Brandão (1983 p.8), em que esse camponês, além de não expressar a origem étnica ressalta que um modo de vida “Caapi – trabalhar na terra, lavrar a terra – caapiára: lavrador. Creio ser esse último caso o mais aceitável pois caipira quer dizer roceiro, isto é lavrador.

Neste caso, percebemos que a identidade do camponês paulista está relacionada à sua ocupação, ou seja, seu próprio trabalho. A importância do trabalho para o camponês tradicional não é algo solitário, é um trabalho que envolve essencialmente a família que “sob a direção de um pai-e-marido os familiares ora trabalham reunidos, como nos dias apressados de plantio, ou nos dias ainda mais apressados de uma colheita, ora se dividem entre o rancho e a roça, em diferentes tipos de serviços”. (Brandão, 1983 p. 68).

Além de envolver as famílias no trabalho de lavrar a terra, tratar das criações e do “rancho”, a produção obtida é prioritariamente para sua subsistência. É o que Queiroz (1973), salienta, afirmando que o camponês, além de rústico é um trabalhador rural cujo sustento é destinado prioritariamente ao sustento da própria família, podendo vender ou não o excedente.

Economicamente, ele objetiva plantar para consumir. O lucro não é a finalidade de sua produção. Segundo Oliveira (1991), mesmo que na sua produção haja excedentes, esse será usado para a manutenção familiar baseado na lógica de MERCADORIA-DINHEIRO-MERCADORIA (M-D-M), ou seja, o excedente da produção será comercializado e o capital obtido, será destinado para aquisição de outra mercadoria que a família necessite e não produza (medicamentos, panelas...).

Inserido nessa lógica e por não objetivar o lucro, o camponês torna-se algo difícil de enquadrar na contemporaneidade comandada pelo sistema capitalista. Essa negação do campesinato, baseia-se na ideia que a agricultura deve-se orientar como a indústria e os serviços pelas regras do mercado.

Contrariando o sistema, o camponês é dono de sua força de trabalho e coloca o valor de sua produção. Na comercialização, o valor dessa produção, é ignorada a mais-valia

do trabalho alheio, comercializando abaixo do que foi gasto para produzir, pois esse trabalho foi realizado por ele e sua família.

Entretanto, com o avanço do agronegócio e a expansão das atividades capitalistas de exploração da renda da terra, percebe-se que as mudanças nas unidades camponesas são inevitáveis, especialmente as novas gerações, que passam a oferecer sua força de trabalho em troca de salários (trabalho acessório) ou iniciam o processo de migração (definitiva ou pendular) em direção às cidades ou ao trabalho urbano.

Esse processo acaba influenciando a dinâmica dos conjuntos de unidades camponesas, denominadas de bairros rurais, no município de Itapetininga/SP, que vamos procurar elucidar adiante com o que se pôde verificar em campo.

### **Os bairros rurais**

A concepção do termo bairro, deriva do latim *barrium* ou do árabe *barri*, que refere-se a um povoado ou arraial onde há uma concentração humana. O seu emprego no interior do Brasil, está muito relacionado aos “Bairros Rurais” que no século XX foram objetos de diversos estudos tanto na Geografia como nas Ciências Sociais. Os bairros que foram analisados são especificamente os “bairros caipiras”, que possuem uma organização e sociabilidade diferenciada e que mereceu tal atenção e estudo.

Na definição de Muller (1946), o bairro rural é

... qualquer conjunto de casas dispersas suficientemente próximas para que se estabeleçam relações entre seus habitantes. Não sendo propriamente uma unidade morfológica, pois que abrange várias formas de dispersão, o bairro é na realidade uma célula de comunidade social onde existem certos tipos de relações sociais a lhe darem corpo: laços de parentesco ou de vizinhança, reforçados freqüentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro... o pequeno proprietário sitiante, embora crie um povoamento disperso, está preso a uma certa unidade - o bairro - que corresponde a um certo fator geográfico que o torna distinto: a proximidade das casas e uma relativa concentração. Este fato é importante porque não se trata de uma dispersão em que o sitiante está isolado, em que suas relações como meio só poderiam contar com recursos individuais... MULLER (1946, p. 142)

A proximidade entre os sítios constrói uma sociabilidade entre os vizinhos em uma relação ajuda mútua em prol das demandas coletivas do próprio bairro (preparar a capela para os festejos do padroeiro, arrumar as estradas, capinar o mato nas áreas comuns, cuidar do

campo de futebol, ...). É nesse contexto de sociabilidade entre os sitiantes que se desenvolve os laços de identidade e de pertencimento do mesmo.

Queiroz (1967) define o bairro rural da seguinte forma:

Era o bairro rural um grupo de vizinhança de 'habitat' disperso, mas de contornos suficientemente consistentes para dar aos habitantes a noção de lhe pertencer, levando-os a distingui-lo dos demais bairros da zona. O 'sentimento de localidade' constituía elemento básico para delimitar a configuração de um bairro, tanto no espaço geográfico quanto no espaço social (...)

O bairro rural é ao mesmo tempo um tipo de povoamento e um tipo de grupo social antigo e persistente, que atravessou séculos mantendo-se semelhante à si mesmo (Queiroz, 1967 p. 65,110-111).

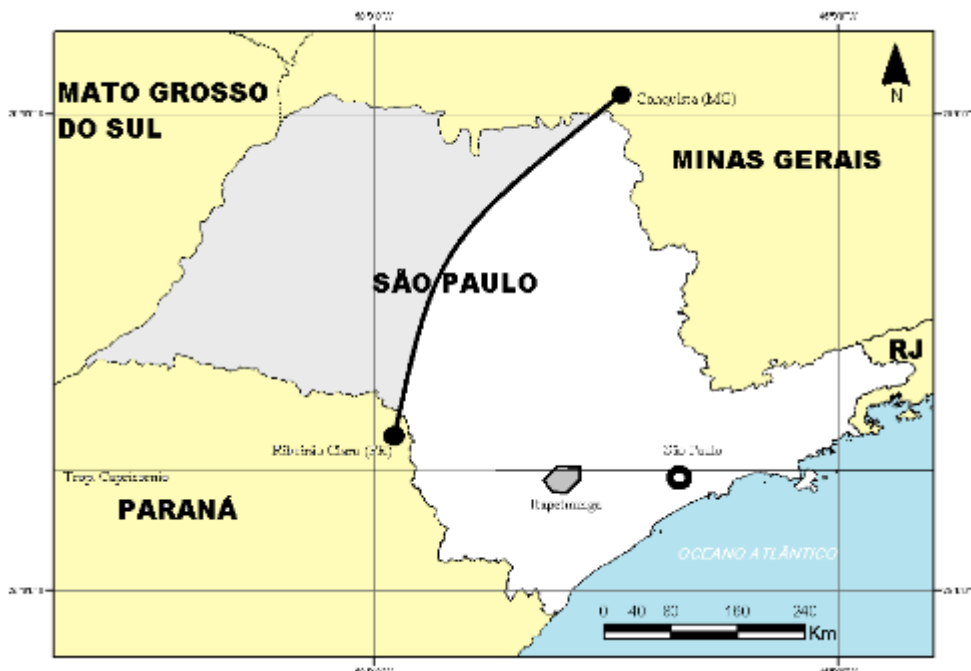
O que dá a essa comunidade do bairro a identidade de pertencimento e a sua diferenciação quanto os demais bairros é a forma como coletivamente desenvolvem a relação homem x natureza, ou seja, como se adaptam ao território, que concordamos com Raffestin (1993), definindo este como resultado das inter-relações no espaço, tempo e relações sociais.

Entendendo que o território baseia-se nesse tripé (espaço, tempo e relações sociais), concordamos com Candido (1987) que utilizando uma abordagem geográfica afirmou ser essencial em sua configuração, não é apenas o suporte, o esqueleto, para as relações entre as famílias, mas é determinante do tipo de relação que elas terão como meio natural. De qualquer forma, no caso do bairro rural, as relações estão concretamente (no sentido literal do termo) ligadas ao espaço – em função do trabalho na terra - daí a base territorial ser elemento fundamental.

A presença dos bairros rurais no estado de São Paulo, é mais freqüente nas áreas mais antigas de ocupação territorial do estado, denominada segundo Almeida e Sobrinho (1951), de “zona velha” de ocupação datada entre 1532 e 1880, e reforçado por Cândido (1987), quando afirma que a origem de muitos bairros devem-se grupos familiares, especialmente antes da chegada dos imigrantes, ficando clara as denominações encontradas: Bairro dos Pereiras, dos Vieira e inclusive entre nosso estudo, como o Bairro do Turvo dos Rodrigues, ao sul do município de Itapetininga.

Candido (1987), afirma que se traçada uma linha oblíqua entre a cidade de Conquista (MG) e Ribeirão Claro (PR) (Figura 1), que a freqüência nesse tipo de bairro destaca-se nas porções orientais do estado de São Paulo, enquanto que na porção ocidental, o tipos de ocupação e fixação humana mais recentes, estão relacionadas às estruturas das

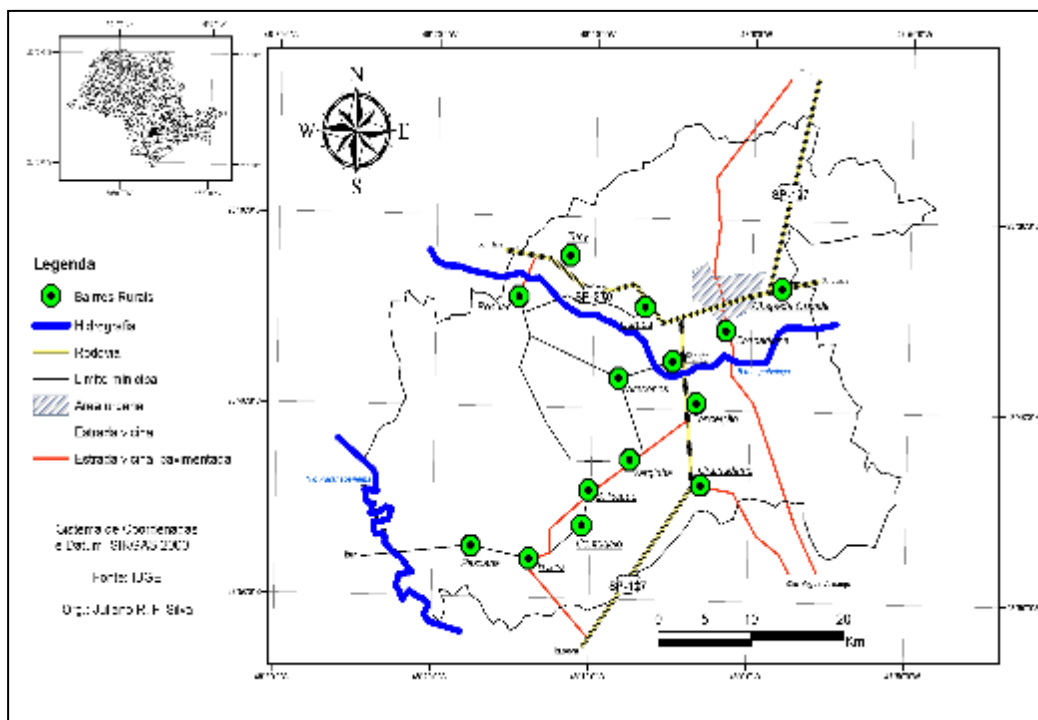
fazendas e a um habitante rural com maiores ligações com os centros urbanos que surgiam e se expandiam rapidamente com a onda cafeeira que avançava pelas terras paulistas.



**Figura 1 - Arco de separação da “Zona Velha de ocupação – 1532 a 1880” do estado de São Paulo.** Fonte: IBGE ([www.ibge.gov.br/donwloads](http://www.ibge.gov.br/donwloads))  
 Org.: Floriano Silva, 2016

### Localização da área de estudo

O município de Itapetininga, localiza-se no sudoeste paulista, fisicamente estabelecido na área da Depressão Periférica da Bacia Sedimentar do Paraná. Há o predomínio do clima subtropical com presença, nos meses de inverno, de geadas e temperaturas em torno de 0 a 5°C. Situado a 656m acima do nível do mar, é drenado pela bacia do rio Itapetininga, tributário da alta bacia do rio Paranapanema. Seu território está entre as Latitudes: 23° 24' 25” e 23° 51' 35” Sul e Longitudes: 47° 48' 10” e 48° 24' 31” Oeste (Figura 2).



**Figura 2 - Localização do município de Itapetininga/SP e seus respectivos bairros rurais.**  
 Fonte: IBGE ([www.ibge.gov.br/downloads](http://www.ibge.gov.br/downloads)). Org.: Floriano Silva, 2015.

Instalada junto da antiga rota dos tropeiros, tornou-se atrativa a esses viajantes, pela região oferecer fartas pastagens naturais e foi estrategicamente adotada como o último pouso das mulas para se recuperarem após a longa viagem desde o Rio Grande do Sul, antes de serem entregues no mercado de Sorocaba/SP.

Com a fundação da vila de Nossa Senhora das Mercês, em 1770, teve início a ocupação e, conseqüente, a instalação de estâncias pecuaristas, sendo essa sua inicial vocação econômica. Na segunda metade do XIX, em virtude das condições climáticas, o município ficou relativamente segregado da rota cafeeira, que se expandia em direção à oeste.

Dentre os produtos agrícolas, o algodão era o principal cultivo, em como também seu beneficiamento. Segundo Luné & Fonseca apud D'Arbo (2012), em 1873, Itapetininga apresentava 21 máquinas de beneficiar algodão no estado. A riqueza do algodão e a forte presença política de personalidades históricas da cidade, como o Cel. Fernando Prestes de Albuquerque (governador de São Paulo entre 1898 a 1900), o meio urbano passou a exercer maior importância econômica, com a instalação da primeira escola normal do interior, e posteriormente, escola de odontologia e outras que denominou a cidade de “Athenas do Sul” ou “terra das escolas”.

Por apresentar grande extensão territorial (1.789,3 km<sup>2</sup>, terceiro maior município em extensão do estado de São Paulo), Itapetininga, nos últimos 40 anos vem passando pela incorporação de consideráveis partes de seu território para a exploração agroindustrial, especialmente a sucroalcooleira, a citricultura e a silvicultura.

As fazendas que praticavam a pecuária extensiva, a partir de 2007, passaram a disponibilizar suas terras para o arrendamento junto a essas grandes agroindústrias. Na área de estudo, ou seja, ao sul do município de Itapetininga, a silvicultura (eucalipto) e a sucroalcooleira são as que mais avançaram.

Enquanto que a silvicultura está situada nas áreas de relevo mais íngremes, a cultura canavieira se estabeleceu nas pastagens situadas em relevos mais suaves. Tal mudança decorre da valorização do arrendamento das terras, especialmente para a indústria sucroalcooleira, que segundo o portal Novacana (2014), mostra que no ano de 2013, o arrendamento de terras para a indústria sucroalcooleira, foi o quarto melhor investimento com rentabilidade superior a 7%, ficando atrás apenas dos fundos cambiais, do dólar comercial e da produção de leite de alta tecnologia (25 mil litros/hectare/ano).

Como reflexo dessas mudanças no espaço rural do município e com base na bibliografia que abordamos no início desse artigo, verifica-se que a unidade bairro rural também vem passando por transformações. Entre essas transformações, constata-se que os bairros rurais passaram a fornecer mão-de-obra para estas e outras agroindústrias, a diminuição do domínio da produção camponesa e a diminuição sociabilidade e ajuda mútua existente nos bairros rurais.

Os bairros visitados ao sul do município, dedicam-se a diversas atividades, sendo as mais comuns e visíveis na paisagem a criação de gado leiteiro, olericultura, engorda de frango associada a empresa integradora e roças temporárias (milho, feijão, mandioca, cana, batata-doce e outros, para consumo próprio e das criações).

Entre abril e maio de 2016, foram visitados quatro dos bairros situados ao sul do município, totalizando doze propriedades rurais que não distam muito do núcleo central do bairro, ou seja, da capela. Para identificá-las, utilizarei das letras maiúsculas do alfabeto, conforme pode ser visualizado na Tabela 1.

Das unidades de produção visitadas, somente a propriedade E ultrapassava o módulo fiscal do município que é de 22 hectares. Esta propriedade tem como única atividade econômica a pecuária leiteira. De seus 42 hectares, 25 estavam arrendadas para soja e o

restante para suas 15 vacas, sendo que 13 estavam em lactação. Toda a ordenha é mecanizada e destinada a cooperativa Castrolanda, instalada há cerca de três anos no município.

Bairros	Propriedades	Tamanho das propriedades	Atividades principais
Gramadinho	A	7,2 hectares	Olericultura (tomate, pepino e pimenta)
	B	4,5 hectares	Olericultura (pepino) e viticultura.
	C	4,8 hectares	Olericultura (tomate e pepino).
	D	6,0 hectares	Olericultura (tomate e pepino).
Varginha	E	42,0 hectares	Criação gado (leite).
	F	6,0 hectares	Integração de frangos.
	G	3,5 hectares	Olericultura (pimentão e tomate).
Cantagalo	H	4,0 hectares	Olericultura (tomate).
Conceição	I	3,8 hectares	Olericultura (tomate e pepino).
	J	3,0 hectares	Olericultura (tomate e pepino).
	K	5,0 hectares	Olericultura (pimentão e tomate).
	L	6,0 hectares	Olericultura (tomate e pepino).

**Tabela 1 – Tamanho das propriedades visitadas e principais atividades.**

Fonte: Trabalho de campo (abr/mai. 2016).

Org.: Floriano Silva (2016)

A atividade que mais nos chamou a atenção foi a olericultura, que se destaca por utilizar quase que exclusivamente da mão-de-obra familiar. Somente em duas propriedades (A e L, conforme a tabela 1) foram verificadas o uso de mão-de-obra assalariada, com pagamento da diária no valor de R\$ 50,00.

Utilizam-se dos sistemas de plasticultura, destacando-se a produção de tomates, pepinos, pimenta americana e pimentão (Foto 1). Outras culturas que também foram relatadas pelos produtores, mas, que no momento não estavam sendo cultivadas eram as de berinjelas e vagens. O complemento da mão-de-obra assalariada, deve-se a quantidade de “estufas” que há nessas propriedades sendo de quatro a seis, por produto, enquanto que as demais propriedades visitadas eram de duas ou apenas uma para cada produto.

Durante a pesquisa de campo, os produtores relataram que o momento os produtos com melhores preços eram o tomate e o pepino, sendo o pepino o que estava trazendo o retorno financeiro mais rápido, mesmo com preço inferior ao da caixa de tomates. Nesse caso, percebe-se que o tomate é a “poupança”, pois necessita maiores cuidados e quando for comercializado renderá um valor que será reinvestido na produção ou na aquisição de bens que a família necessite, enquanto que o pepino é o produto que assegura a manutenção cotidiana de dinheiro para unidade produtiva.



A comercialização é feita com os atravessadores que fecham contrato de exclusividade e que atuam na região, recolhendo três vezes por semana a produção e tendo como destino os centros de abastecimentos de Campinas e São Paulo.



**Figura 3 – Cultivo de tomate do produtor A, no Bairro do Gramadinho.**

Foto do autor em trabalho de campo (mai/2016)

Questionado quanto ao “contrato de exclusividade”, um dos produtores salientou que era “cômodo” para ele manter essa exclusividade com o atravessador, entretanto: “... a gente sempre pergunta pros vizinhos que vende tomate pra outro caminhão... o Zebu paga direito, e sempre foi honesto, por que se arriscar?” (produtor da propriedade A).

O “Zebu” citado pelo produtor acima, é o intermediário que possui um Box no Ceasa de Campinas, para o qual fornece sua produção com exclusividade.

Já os produtores do bairro da Conceição, por terem afinidade com o fretista/atravessador que mora no bairro, mantendo uma relação de amizade e confiança, acabam fornecendo como que por exclusividade para ele a produção. Este por sua vez, está associado a um Box no Ceagesp de São Paulo, transportando para lá a produção dos entrevistados no bairro. Neste caso, percebe-se como um monopólio na aquisição da produção

e ao mesmo tempo uma característica presente ainda no bairro, a da sociabilidade entre os moradores locais.

Entretanto, essa sociabilidade pode ser até certo ponto nociva, pois cria-se uma dependência desses camponeses com o fretista, que segundo as entrevistas, antes ele era também olericultor e tinha um caminhão que escoava a produção, porém na atualidade ele já dispõe de dois caminhões e não produz mais em seu terreno. Reforçando essa idéia de domínio do escoamento da produção, verifica-se nos paralamas dos caminhões desse atravessador a frase “Máfia do Tomate”.

A viticultura, só foi verificada em uma das propriedades, entretanto seu parreiral é pequeno, com uvas Niágara e que produzem apenas uma vez ao ano. Parte da produção fica para o consumo e o restante é comercializado diretamente pelo produtor que leva até uma banca de um familiar entre a rodovia que liga o Gramadinho ao município de São Miguel Arcanjo.

Outra forma de comercialização da produção é por meio das feiras livres. A produtora do Cantagalo, única propriedade visitada daquele bairro, além de fornecer tomate para o intermediário, ela tem uma banca na feira livre matinal do centro de Itapetininga, nas quintas e domingos.

Além do tomate que é seu principal produto, ela vende banana e mandioca descascada e embalada, tudo de sua produção. Para diversificar a oferta de produtos, ela também busca no mercadão municipal de frutas, verduras e legumes de Votorantim (distante 62 km de Itapetininga) e revende em sua banca, como couve-flor e repolho.

A propriedade visitada no bairro da Varginha que dedicada a integração de frangos é totalmente de trabalho familiar. Nos momentos de troca da cama de frango e outros em que há maior necessidade de mão-de-obra, os familiares que moram nas proximidades e no próprio bairro são convocados para o trabalho.

A esposa do proprietário diz que apesar de trabalhoso, é como uma festa, faz um almoço caprichado, as vezes até um churrasco, compra bebidas e é uma forma de unir os familiares em prol do familiar que está promovendo a festa. Ela afirma ainda, que depois do trabalho oferece um “dinheirinho” pela ajuda, mas os mais velhos se recusam a receber preferindo que o “adjutório” seja entregue em nome da Santa Cruz (entende-se que deve ser dado à Igreja como oferenda, pois a capela no centro do bairro da Varginha é devotada a Santa Cruz).

## O trabalho acessório

Entre as 12 propriedades visitadas, nos bairros ao sul do município, verificou-se que em 7 delas, há membros da família que dedicam-se ao trabalho fora da propriedade rural, exercendo atividades no bairro, nas agroindústrias e também no distante centro urbano (cerca de 30 km do bairro).

Bairros	Famílias	Membros em trab. acessório	Tipo de trabalho
Gramadinho	4	3	Diarista urbano e abatedouro (2)
Varginha	3	1	Abatedouro local
Cantagalo	1	0	-
Conceição	4	3	Abatedouro (2) e comércio.

**Tabela 2 – Número de unidades camponesas que apresentam membros realizando trabalho acessório.** Fonte: Trabalho de campo (abr/mai. 2016). Org.: Floriano Silva (2016)

Os bairros do Gramadinho e da Conceição, por estarem junto a rodovia SP-127, tem facilidade ao acesso de transporte coletivo que a liga os bairros com a sede do município, por isso maior é o número famílias que possuem membros em atividades acessório inclusive distante do bairro.

Esse é o caso da filha do sitiante J, entrevistado no bairro da Conceição, que trabalha no comércio no centro urbano de Itapetininga, deslocando-se diariamente de ônibus. Ocorre o mesmo com a sogra do entrevistado B, que é viúva e mora na propriedade rural e duas vezes por semana desloca-se até Itapetininga onde trabalha como diarista.

O abatedouro (aves) citado que contrata filhos e cunhada dos produtores visitados nos bairros da Conceição (C e D) e do Gramadinho (I), fica cerca de 25 km e 33 km respectivamente, entretanto o deslocamento é realizado por transporte fretado pela empresa, que realiza o abate 24 horas por dia, dividido em 3 turnos.

Quanto ao abatedouro local (suínos), situado no bairro da Varginha, por ser uma pequena empresa, não oferece a mesma estrutura de transporte que o abatedouro citado anteriormente, sendo comum a contratação de mão-de-obra local, como pode ser detectado com a filha do produtor G entrevistado desse bairro.

Mesmo trabalhando fora da propriedade, em momentos de folga, se necessário uma ajuda na aplicação de defensivo, um ajuste na cerca ou na colheita dos produtos da olericultura, esses membros colaboram com os demais familiares que trabalham.

Questionados os motivos que levaram os familiares a buscarem o trabalho fora da unidade familiar, diversas foram as respostas. No caso da diarista do bairro do Gramadinho, há vários anos inclusive antes de ficar viúva, ela já trabalhava para as duas famílias e portanto não via motivos para deixar de trabalhar nessas residências, pois era uma forma de assegurar uma renda extra, agora morando com o genro e a filha.

A filha do produtor J, inclusive incentivada pelos pais, após concluir no ano anterior o ensino médio na escola estadual existente no bairro da Varginha (12 km do bairro da Conceição), foi orientada a “fazer fichas” em busca de trabalho na cidade:

*“-...a gente quer ver ela melhorar de vida e continuar estudando... o trabalho na roça é pesado...”*. Relato do produtor J, bairro da Conceição

Portanto, não é uma necessidade de capital externo à propriedade que levou a jovem a buscar emprego na cidade, mas uma pretensão dos pais e dela própria em se realizar profissionalmente, no meio urbano.

Inserir-se aqui o que inferimos com os entrevistados, que quando preenchem fichas de emprego no meio urbano em Itapetininga e indicam que moram nos bairros rurais, os empregadores dão preferência, em relação aos moradores da periferia urbana, por considerá-los mais trabalhadores e honestos.

Quanto aos familiares trabalhando nos abatedouros, pode-se afirmar que esses estão mais atrelados a noção do trabalho acessório com vistas a trazer mais renda para a reprodução das famílias na propriedade. No grande abatedouro de aves, verifica-se que, apesar da exploração do trabalho na linha de produção, um dos entrevistados elogiou, por exemplo, a cesta básica que os filhos ganham:

*“- O arroz, o sal e o óleo da cesta da fia já dá pro gasto e sobra.”*  
 (Depoimento da esposa do produtor C, do bairro do Gramadinho).

Foi relatado no bairro do Gramadinho, que há trabalho esporádico, com pagamento de diárias em época de colheita da batata-inglesa. Entretanto, o trabalho não é diretamente na colheita, mas na empresa de lavagem de batatas que há no bairro e que contrata mulheres e muitos jovens (inclusive adolescentes) para tal serviço, não tendo uma hora de entrada e nem de saída.

Quanto a filha do produtor G do bairro da Varginha, no abatedouro de suínos, seu salário é totalmente direcionado para a reprodução familiar, ficando com muito pouco para si. Entretanto, tal emprego é muito instável e depende muito do mercado. Pode ser classificado como “*freelancer*”, tanto que era a terceira vez que ela era contratada para “raspar o pêlo das orelhas dos porcos abatidos” em pouco mais de dois anos.

### **Conclusão**

Conforme identificamos a presença do trabalho familiar nas unidades camponesas percebe-se que a outrora sociabilidade, necessidade do mutirão e da troca de dias de trabalho entre os camponeses dos bairros de Itapetininga, vem sofrendo transformações, especialmente nos bairros situados junto às vias de acesso a cidade.

Detectou-se em apenas 12 propriedades camponesas visitadas que o trabalho acessório externo ao bairro, apareceu em mais de dois terços dessas unidades. Porém, nem sempre o fruto desse trabalho, tem como destino o investimento na própria unidade. Os tipos de atividades diferem, sendo a maior parte desde trabalhos acessórios realizados no meio urbano e industrial.

Em parte, podemos inferir que o processo sucessório das unidades camponesas visitadas, vem sofrendo uma concorrência com o setor agroindustrial que vê nos trabalhadores dos bairros rurais, uma oferta de mão-de-obra barata e disciplinada, ao contrário do trabalhador urbano. Entretanto, isso não é regra em todos os bairros, tanto que os mais afastados da principal rodovia de acesso, ainda se destacaram com o trabalho familiar e com uma exceção, mas que realizava o trabalho acessório no mesmo bairro.

Essas mudanças verificadas, ressaltam que a penetração das agroindústrias e a atração “ilusória” pelo trabalho na cidade, vem transformando as unidades camponesas nos bairros rurais em locais para obtenção de mão-de-obra de forma concomitante com a produção familiar de alimentos.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Vicente U. de; SOBRINHO, Octávio T. M. **Migração Rural-Urbana**. São Paulo: Secretaria de Agricultura do Estado, 1951.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas cidades, 1987.

D'ARBO, Renata C. Métodos de produção na cafeicultura em Ribeirão Preto nas décadas de 1870 e 1880 In: IV Conferência Internacional de História Econômica & VI Encontro de Pós-Graduação em História Econômica. São Paulo: USP, 2012. Disponível em <[http://cihe.fflch.usp.br/sites/cihe.fflch.usp.br/files/Renata\\_Arbo.pdf](http://cihe.fflch.usp.br/sites/cihe.fflch.usp.br/files/Renata_Arbo.pdf) . > Acesso em 02/11/2015.

IBGE, Base cartográfica – Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/downloads> . Acesso: 28/10/2015.

MÜLLER, N. L. **Tipos de sitiantes em algumas regiões do Estado de São Paulo**. São Paulo: USP, 1946. Tese de Doutorado.

NOVACANA. Arrendar ou produzir, qual a melhor opção para a cana de açúcar. Site: NovaCana. Disponível em: <https://www.novacana.com/n/cana/mercado/arrendar-produzir-opcao-cana-230514>. Acesso em: 03/06/2016

OLIVEIRA, A. U. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991

QUEIROZ, Maria I. **Bairros Rurais Paulistas**. São Paulo, Duas cidades, 1973.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Atica, 1993

WILLENS, Emílio. **Cunha: Tradição e transição de uma cultura rural do Brasil**. São Paulo: Secretaria de Agricultura do Estado, 1947